

O diálogo entre o poema *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu, e a música de Chico Buarque de Hollanda, *Doze anos*.

Profa. Ms. Ana Lucia Pedrazzi¹ (UniRadial Estácio)

Resumo:

*A presente comunicação tem por objetivo elucidar o interdiscurso e a intertextualidade presente no poema *Meus oito anos* e na música *Doze anos*, de Casimiro de Abreu e Chico Buarque de Hollanda, respectivamente, ressaltando seu diálogo e paródia, por meio de análise e comparação lexical, textual, literária, social, histórica e política de ambas as obras.*

Palavras-chave: intertextualidade, paródia, crítica social, repressão, liberdade

Introdução: A intertextualidade e a paródia

Começar-se-á este trabalho com os dois textos a serem comparados, pois trechos dos mesmos serão utilizados ao longo desta comunicação. O primeiro é de autoria de Casimiro de Abreu, escritor romântico; o segundo, de Chico Buarque de Hollanda, artista moderno:

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonho, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d' amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d' estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era

Nessa risonha manhã!
Em vez de mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberto o peito,
- Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

.....
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
- Que amor, que sonho, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
(MOISÉS, 1996, p.172-3)

Ai, que saudades que eu tenho
Dos meus doze anos
Que saudade ingrata
Dar banda por ai
Fazendo grandes planos
E chutando lata
Trocando figurinha
Matando passarinho
Colecionando minhoca
Jogando muito botão
Rodopiando pião
Fazendo troca-troca

Ai que saudades que eu tenho
Duma travessura
O futebol de rua
Sair pulando muro
Olhando a fechadura
E vendo mulher nua
Comendo fruta no pé
Chupando picolé

Pé-de-moleque, paçoca
E, disputando troféu
Guerra de pipa no céu
Concurso de piroca
(HOLLANDA, 2006, p.259)

O diálogo entre os dois textos apresenta características literárias semelhantes embora em épocas completamente distintas. Um primeiro traço a ser comparado é o saudosismo. Observa-se que em ambos há um desejo de volta a uma época diferente: à infância e à adolescência: **“Oh que saudades que tenho (...) Da minha infância querida”/ “Ai que saudades que tenho/Dos meus doze anos.”**

Além de reviver o poema de Casimiro, a música de Chico Buarque busca parodiar o mesmo. O léxico usado nesta ressalta a malícia da adolescência, traço do Modernismo Literário, em contrapartida com a ingenuidade da infância presente no Romantismo: **“Dar banda por aí/Fazendo grandes planos/Sair pulando muro/vendo mulher nua”** Mais do que isto, ironiza o sentimentalismo, a relação eu-natureza e privilegia o modo de ser, sentir e pensar coletivos - **“Colecionar minhoca, fazer troca-troca, futebol de rua, disputar troféu, guerra de pipa no céu, concurso”** - próprios do capitalismo, que valoriza o material em detrimento ao natural: **“Matando passarinho”**.

Quando se analisa o interdiscurso, não se pode deixar de pensar em seu contexto histórico, político e social. **Meus doze anos** foi cantando em uma época de repressão política e, conseqüentemente, de censura. Chico Buarque usa-se desta intertextualidade para, mais do que parodiar o Romantismo, implicitamente ironizar sua própria época, sem que fosse censurado, então. “Mas quando Chico se volta (...) para o passado, não será para mergulhar nele, mas para entender melhor o presente” (MENESES, 1980, p.99).

Dialogar para parodiar, mesmo que seja de sua própria época

O Modernismo caracterizou-se por uma época de desencanto, de repressão tanto política quando emotiva – não se podia expressar livremente -, de materialismo, de insatisfação. E é tudo isto o que se observa na música em questão. Enquanto o poema Romântico tematiza a nostalgia da infância, a saudade de um tempo inocente, a música – que já parodia a forma poética, uma vez que apresenta uma linguagem chula – , inserida em uma época em que tudo se faz para enterrar o passado, evoca uma **“saudade ingrata”**, ou seja, a volta a um espaço privilegiado, em que se dá aquilo que não se encontra no presente, realidade dura marcada por jornadas de trabalho longas e rigidez profunda.

As marcas desta repressão encontram-se demarcadas na música em **“Ai, que saudades que eu tenho/Duma travessura”**. Ou seja, quando se é adolescente, pode-se traquinar, mostrar sua inquietude, manifestar-se. Adolescência esta que, simbolicamente, também remete o leitor a um tempo anterior à ditadura, em que havia liberdade de expressão. “Evidentemente, esse deslocamento para uma outra realidade, seja ela situada no passado ou num espaço imaginário, implica uma rejeição do presente, um radical não-colaboracionismo” (MENESES, 1980, p.99)

Chico ainda elucida a pauperização da classe proletária. As brincadeiras realizam-se não por meio de brinquedos materiais, não que houvesse a ausência destes na sociedade, como ocorria em **Meus oito anos** em que a criança podia aproveitar os recursos da natureza para se divertir, mas pela impossibilidade de compra dos mesmos pelas classes mais pobres. Resta-lhes, então, chutar **lata, trocar** figurinha, **coleccionar minhoca**. E por falar em minhoca, a natureza aqui já não tem mais o mesmo mérito que possuía no Romantismo. É que para existir capitalismo, mata-se cada dia mais a natureza, mostrando-se, então, sem importância aos infantes: **“Matando passarinho”**.

Aliás, a violência instaura-se nessa mesma época, violência política e social – assaltos, crimes, marginalização do menor (“**Sair pulando muro/ Vendo mulher nua/ Fazendo troca-troca¹/Concurso de piroca**”). Enquanto em **Meus oito anos**, o eu-lírico possuía os carinhos da família - “**De minha mãe as carícias/E beijos de minha irmã**” -, beleza e inocência ao seu redor (“**Achava o céu sempre lindo/Adormecia sorrindo/E despertava a cantar!**”), em **Meus doze anos** a inocência cede espaço a perversidade, à malícia. O sofrimento do capitalismo, a repressão, faz o menor amadurecer mais cedo. Doze anos já não é mais infância.

Os “**pés descalços, braços nus**” em **Meus oito anos** não sugere pobreza, mas liberdade: “**Livre filho das montanhas**”. No Modernismo, há **muros**, há **fechaduras** que cercam os indivíduos, que os oprimem, e não os deixam se manifestarem: “**Ai, que saudades que eu tenho (...)** **Sair pulando muro/ Olhando fechadura**”. No entanto, quanto mais se oprime, mais se atíça o desejo ao proibido (“**E vendo mulher nua**”), ao conhecimento, à expressão. Não adianta instalar a censura na TV, na literatura, na expressão de modo geral: o artista, o povo dará um jeito de se manifestar, nem que seja para infringir as leis, nem que seja para **pular o muro**.

Não há rumo para o proletário, não há perspectivas. O jeito é “**Dar banda por aí**”. Instaura-se o desencanto, derruba-se o puro, mostra-se o erotismo versus o sentimentalismo. A inocência dá lugar à malandragem, privilegiando-se a figura do marginal, do desvalido, do pivete, das meretrizes, do mendigo, do operário, do malandro.

Conclusão

Em meio às imposições que o cercam, de uma sociedade ditatorial, fechada, de rigidez de costumes e formalidade, o indivíduo Moderno apresenta-se como aquele que se vê obrigado a esconder seus desejos, seu íntimo, seus costumes. E em meio a insatisfação gerada por esta repressão, revelada também pela juventude politizada, é que se dá lugar a canção popular, que derruba barreiras de gêneros e formas, que ironiza o empobrecimento social de braços dados ao cultural e privilegia o cotidiano, o popular, o lugar comum (“**futebol de rua**”) e a linguagem chula (“**piroca**”) em detrimento a uma linguagem poética, já que não há nada de **romântico** nesta vida moderna. E, não existindo poesia, nada melhor do que usar, portanto, o gênero música para manifestar tudo isto, uma vez que o objetivo de Chico não foi o de produzir catarse, de descarregar emoções através de sua obra, mas de gerar tensão e romper silêncios e tabus.

Este breve estudo comparado entre duas obras de mesmo valor literário conclui, portanto, que a uma primeira vista, há uma paródia ao Romantismo na música de Chico Buarque. Existe a impressão de se ressaltar a malandragem em detrimento a infantilidade. Sim, e há². No entanto, Hollanda dialoga com Casimiro não para criticá-lo, mas para, por instrumento da obra deste, mostrar a insatisfação de seu próprio tempo e dizer que bom mesmo é se ter liberdade.

Referências Bibliográficas

- [1] HOLLANDA, Chico Buarque de. **Chico Buarque, letra e música**. Incluindo Gol de Letras de Humberto Werneck e Carta ao Chico de Tom Jobim. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 287 p.
- [2] HOLLANDA, Chico Buarque de. **Chico Buarque: tantas palavras**. Todas as Letras & reportagem biográfica de Humberto Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 477 p.

¹ Temas como a bissexualidade, reprimida amargamente nesta época, também rompem a censura e o tabu nesta música.

² Malandragem entenda-se aqui como **esperteza, malícia x inocência** para compreender e não aceitar a repressão e a censura impostas pelo governo e pela sociedade.

- [3] HOLLANDA, Chico Buarque de. **Literatura Comentada**. Textos comentados, análise histórico-literária, biografia e atividades de compreensão de texto. Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico, exercícios por Adélia Bezerra de Meneses Bolle. São Paulo: Abril Educação, 1980. 105 p.
- [4] KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 6a. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 168 p.
- [5] KOCH, Vanilda Salton. BOFF, Odete Maria Benetti. PAVANI, Cinara Ferreira. **Prática textual: atividades de leitura e escrita**. 1a. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 181 p.
- [6] MENESES, Adélia Bezerra de. **Desenho mágico**. Poesia e Política em Chico Buarque. São Paulo: Hucitec, 1982. 245 p.
- [7] MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 19a. ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 608 p.

Autora

¹ Ana Lúcia PEDRAZZI, Prof^a Ms.

UNIRADIAL ESTÁCIO

alpedrazzi@uol.com.br